Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social

UNIVERSIDADE DE UBERABA

Ano V • nº 218 • Uberaba/MG • de 27 de agosto a 2 de setembro de 2002

Capa: André Azevedo

O CHICO É POP

Médium mais famoso do Brasil continua vivo na memória da cidade

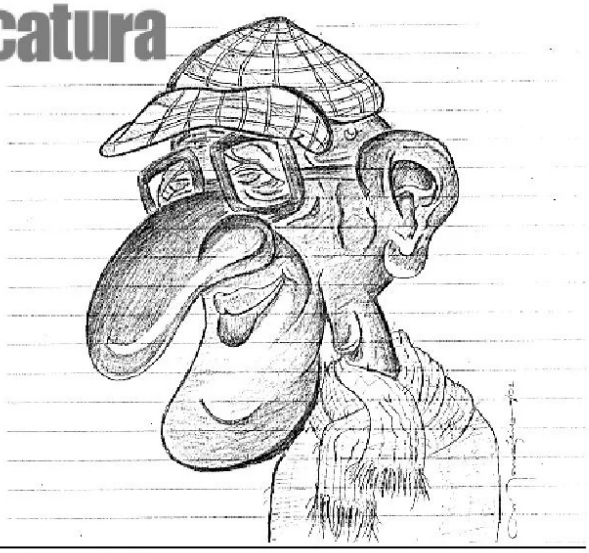
págs. 6 e 7

Museu de História Natural convida a uma viagem no tempo

págs. 8 e 9

issuu-downloader.com

Caricatura



XICO XAVIER
por: Maurício do Vale
3º período de Publicidade

Semana do Psicólogo

Profissionais comemoram aniversário com palestras

Conselho Regional de Psicologia promove eventos nos 40 anos de regulamentação profisisonal

Miriam Lins
6º período de Jornalismo

Sábado, dia 24, foi realizado um evento em parceria com o Conselho Regional de Psicologia na praça da Igreja Santa Rita. Oficinas das diversas áreas da Psicologia foram feitas com o objetivo de levar à população informações sobre o papel desse profissional. As oficinas foram desenvolvidas com a participação do público que também pode desfrutar de apresentações musicais feitas pelo conservatório municipal.

Na terça-feira, dia 27, no Centro Cultural Cecília Palmério – campus I – das 19:30 às 22:00, acontecerá uma Mesa Redonda sobre os 40 anos de Psicologia no Brasil e em Uberaba, com as convidadas Lídia Queiroz Silva Magnino, Ângela Marina Kefalás Barbosa, Herilda Pinto Coelho e Janete Ispir Rassi. Durante a semana de 26 a 30 de agosto serão apresentados vídeos produzidos pelo Conselho Federal de Psicologia. Confira ao lado a programação:

Confira a programação

Data: 26/08
Local: Campus II – anfiteatro C01
Horário: 8:00 às 9:40
Vídeo: Indivíduo e Coletivo

Data: 27/08
Local: Campus II – anfiteatro C01
Horário: 8:00 às 9:40
Vídeo: Com quem você pensa que está falando?

Data: 28/08
Local: Campus II – sala Q14
Horário: 8:00 às 9:40
Vídeo: Você tem medo de quê?

Data: 29/08
Local: Campus II – anfiteatro C01
Horário: 8:00 às 9:40
Vídeo: Razão e Emoção

Data: 30/08
Local: Campus II – anfiteatro C01
Horário: 8:00 às 9:40
Vídeo: O trabalho dignifica o homem

OMBUDSMAN

Responsabilidade técnica

Newton Luís Mamede

A expressão que constitui o título acima não se restringe apenas ao conteúdo das iniciais RT que figuram nas placas de obras de construção civil. A *responsabilidade técnica* ali impressa e anunciada obrigatoriamente é uma garantia legal para ambas as partes, para o engenheiro responsável e para o cliente ou proprietário. É o sinal do compromisso sério e honesto com o trabalho responsável. É demonstração de competência.

Num recurso lingüístico de extensão de significado das palavras, por metonímia ou por catacrese, a expressão *responsabilidade técnica* poderia muito bem aplicar-se ao exercício de todo trabalho profissional de base universitária. Ou seja, de base científica. Por se tratar de atividade decorrente de aplicação da ciência, a superioridade de seu conteúdo e desempenho deveria ser anunciada formalmente, em documento hábil, para conhecimento das partes interessadas, dos clientes envolvidos. Responsabilidade que pode ser considerada técnica, por ser resultado de conhecimento científico, e não empírico ou simplesmente prático. Responsabilidade atribuída a um nome personativo real, definido, concreto, e não oculto sob a denominação de uma entidade abstrata.

A formação profissional universitária séria e consciente deve estar centrada na competência e na responsabilidade

A responsabilidade técnica pode caracterizar, por exemplo, um serviço médico, ou odontológico, serviços que, mal executados, ou negligenciados, podem resultar em conseqüências desastrosas e irreversíveis. Responsabilizar apenas engenheiros pelo insucesso ou negligência de um serviço é muito pouco, é discriminatório e injusto. O nome de um médico ou de um odontólogo também deveria constar em documento formal e entregue ao cliente. E assim, também, com outros serviços exercidos por profissionais de formação universitária. Por que não um serviço de um advogado? Ou esse serviço não pode ser *afiançado* por um, digamos, *certificado de garantia*? E o serviço de um psicólogo? E o de um economista? E o de um administrador? E o de um médico veterinário? E o de um jornalista? E o de um professor? Por que não? Todos eles *garantidos* legalmente, com o registro do nome do respectivo profissional.

Quantas "barbeiragens" e negligências não seriam evitadas com esse tipo de *aval!* E, mais ainda, seria revisto o conceito de *ética profissional*, do qual já tratamos noutros artigos. Conceito que limitaria bastante o corporativismo, não o confundindo com o simples apadrinhamento de colegas ou diluição de responsabilidades. A responsabilidade técnica registrada e atribuída nominalmente a um profissional evitaria, por exemplo, um serviço feito sem escrúpulos, com o fim único de retorno financeiro, não importando as conseqüências ou os malefícios causados aos clientes. E promoveria a educação do cliente, orientado e instruído a não solicitar serviços irresponsáveis apenas para atendimento a falsas necessidades ou a vaidades pessoais. E, no caso de essa solicitação persistir, ter o serviço recusado pelo profissional responsável e competente.

A formação profissional universitária séria e consciente deve estar centrada na competência e na responsabilidade. Binômio de garantia e de merecimento de crédito.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Secretário de Redação: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Suporte de Informática: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica do Jornal da Manhã
Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953
http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Semana de Seminários

Festival de vídeo é desafio à criatividade

Inscrições para o Festival Universitário do Minuto vão até 18 de setembro

Da redação

arquivo Revelação

Os estudantes Diego, Fábio e Leonardo receberam premiação especial pela irreverência e espontaneidade

Estudantes de todos os cursos da Universidade de Uberaba estão em fase de produção dos vídeos que participarão do Festival Universitário do Minuto durante a Semana de Seminários. Para participar, a equipe deve produzir um vídeo de no máximo um minuto – com eventual tolerância de 15 segundos para exibição de créditos – e inscrever-se até o dia 18 de setembro de 2002.

O Festival é aberto a alunos de todos os cursos, professores e funcionários da Universidade de Uberaba. Os equipamentos e custos de produção ficam a cargo dos participantes. Alunos de Comunicação Social podem verificar a possibilidade de agendamento no setor de produção de vídeo, mas a prioridade dos equipamentos é para as disciplinas regulares e projetos experimentais do curso. Para solicitar um horário, os estudantes devem ter em mãos o roteiro e um planejamento de tempo de produção e edição.

As fitas originais devem estar em boa qualidade, pois serão copiadas, e a exibição no dia do evento será feita a partir dessas cópias.

Categorias

Os realizadores poderão inscrever o vídeo em uma das seis categorias: Humor, drama, animação, reportagem, propaganda e científico/educativo. As equipes podem inscrever quantos vídeos quiser, mas cada vídeo deve ser entregue em uma fita distinta, com ficha de inscrição individual.

A categoria **humor** abrange comédias, paródias, montagens e filmes *trash* – aquelas obras horrorosas que, de tão ruins, tornam-se humor involuntário. Entende-se por **drama** toda obra de ficção que não seja humor. Vale, portanto, qualquer dramatização lírica, poética, trágica ou aquelas "viajandonas". Na categoria **animação** entram computação gráfica, manipulação de massa de modelar e fotos quadro a quadro.

Reportagem abrange pequenas entrevistas, depoimentos, ou mesmo uma matéria em formato de telejornal totalmente produzida pela equipe. Na categoria **publicidade** valem propagandas institucionais, campanhas sociais, etc. Não serão aceitas propagandas *comerciais*. Vídeos **científicos/educativos** podem ser mini-aulas sobre um tema (como um telecurso), explicações sobre fenômenos físicos ou químicos, sobre conceitos filosóficos, antropológicos ou sociais relacionadas às disciplinas. As imagens devem ser captadas e produzidas pela equipe.

Pontuação

O júri será formado por profissionais de diversas áreas – jornalistas, fotógrafos, artistas plásticos, atores, profissionais de vídeo, etc – e o julgamento ocorrerá pdurante o evento (data a confirmar). De acordo com a comissão organizadora, serão consideradas a **criatividade**, ou seja, a busca por temas inovadores ou visões inesperadas que geram novas reflexões sobre um tema antigo; **linguagem**, que avaliará a expressividade e a adequação estética que a equipe alcançou. O corpo de jurados é orientado para não avaliar equipamento técnico, mas a habilidade em extrair soluções inovadoras com os recursos utilizados. Isso significa que ninguém precisa ficar inibido de participar com filmagens simples, em VHS. O importante é que os trabalhos mostrem-se criativos e expressivos.

Será avaliada também a **originalidade**, que pontuará vídeos cujas imagens, trilha sonora e idéias sejam próprias, e não "clonadas". Pequenas apropriações são permitidas, mas podem perder ponto neste quesito. A obra que for considerada plágio pela comissão organizadora será automaticamente desclassificada.

O Festival é aberto a alunos de todos os cursos, professores e funcionários da Universidade de Uberaba

Premiação

Serão concedidos os seguintes troféus de júri: **Humor:** Vila dos Confins; **Drama:** Chapadão do Bugre; **Animação:** Arraial da Farinha Podre; **Divulgação Científica/Educacional:** Quilombo do Tengo-tengo; **Propaganda:** Morro das Sete Voltas; **Reportagem:** Rua da Zagaia. Além dos troféus, cada um dos vencedores de cada categoria será premiado com a quantia de R$ 200,00. Além disso, será premiado com o Troféu Mário Palmério o **Grande Vencedor,** que receberá também a quantia de R$ 500,00.

Através de votação direta da platéia, será concedido o Troféu do Desemboque, que premiará a **Menção Honrosa do Público.**

A ficha de inscrição e as datas oficiais serão publicadas nas próximas edições do **Revelação**.

Regulamento

Art. 1º- O Instituto de Humanidades da **Universidade de Uberaba** e o curso de Comunicação Social promovem na Semana de Seminários do segundo semestre do ano 2002 o FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DO MINUTO - Festival de vídeos, produzidos em apenas um minuto.

Art. 2º - O Festival tem como objetivos:

I - criar novos espaços de expressão;

II - integrar os universitários de vários cursos;

III - incentivar a produção de cultura, ciência e arte;

IV - oportunizar o exercício da liberdade e da criatividade;

V - criar espaços para a participação da comunidade;

VI - apresentar a toda a comunidade recentes realizações de vídeo;

VII - estimular o desenvolvimento da produção audiovisual na Universidade.

Art. 3º - O Festival é aberto à participação de professores, funcionários e alunos do ensino superior.

Parágrafo 1º - Deverá, obrigatoriamente, cada equipe ter, no mínimo, um estudante devidamente matriculado no ensino superior**.**

Art. 4º - Poderão concorrer vídeos **inéditos**, produzidos originalmente em qualquer formato e copiados para VHS. Os vídeos deverão ter duração de, no máximo, 1 (hum) minuto. Haverá tolerância de 15 (quinze) segundos, reservados aos créditos da equipe.

Art. 5º - Pode haver pré-seleção, caso haja mais de 30 inscritos, sem a presença de público. Os critérios da pré-seleção serão feitos pela comissão organizadora e sua decisão é soberana.

Art. 6º - O julgamento no dia do Festival será feito por uma comissão julgadora, formada por profissionais da área de comunicação e áreas afins, não tendo vínculo direto com a **Universidade de Uberaba.**

Art. 7º - Junto com a cópia do vídeo para a pré-seleção deverão ser anexadas a ficha de inscrição com a sinopse do vídeo.

Art. 8º - O material deve ser entregue na sala de Coordenação Pedagógica do Curso de Comunicação Social, aos cuidados de Valquíria Pires ou Sr. Vicente de Paulo Silva, até o dia 18 de setembro, na recepção do Bloco L.

Art. 9º - A fita original deve estar em boa qualidade. A fitas serão devolvidas após o vento. A **Universidade de Uberaba**, se reverva o direito de fazer cópias que poderão ser exibidas em programações sem fins lucrativos.

Art. 10º - As despesas e produção dos vídeos ficam a cargo do concorrente.

Art. 11 º - Serão conferidos os seguintes prêmios por categoria:

Humor: Troféu Vila dos Confins + R$200,00

Drama: Troféu Chapadão do Bugre + R$200,00

Animação: Troféu Arraial da Farinha Podre + R$200,00

Divulgação Científica/Educacional - Troféu Quilombo do Tengo-tengo + R$200,00

Propaganda: Troféu Morro das Sete Voltas + R$200,00

Reportagem: Troféu Rua da Zagaia + R$200,00

Grande Vencedor: Troféu Mário Palmério + R$500,00

Menção Honrosa do Público: Troféu do Desemboque

Parágrafo Primeiro - Entende-se por **Humor:** sátiras, paródias, trash. Entende-se por **Drama**: romance, poesia, lírica, tragédia, arte. Entende-se por **Animação:** Computação gráfica, desenhos, manipulação quadro-a-quadro. Entende-se por **Divulgação Científica/Educacional**: Vídeos educativos que poderão ser utilizados em escolas, congressos, seminários. Entende-se por **Propaganda**: Peças publicitárias não comerciais, campanhas de cunho social. Entende-se por **Reportagem**: Documentários, crônicas, entrevistas.

Parágrafo Segundo: O vídeo que obtiver maior pontuação da comissão julgadora, independente de categoria, será considerado o Grande Vencedor deste Festival.

Parágrafo Terceiro: Os alunos, professores e funcionários presentes receberão, na entrada, cédula para escolher o vídeo de sua preferência.

Parágrafo Quarto- Aos diretores não premiados será entregue um Certificado de Participação.

Art. 12º – A participação no Festival implica na aceitação total pelo concorrente do presente regulamento.

Art. 13º - Os casos não previstos no regulamento serão avaliados pela Comissão Organizadora, cuja decisão é soberana.

issuu-downloader.com

Flertes e fofocas pipocam na hora do lanche

Cantina é ponto de encontro de estudantes durante os intervalos

Antônio Marcos Ferreira, Denise Nakamura, Luis Felipe Silva, Mariana Martins, Rogério Simões
2º período de Jornalismo

Esse texto é o resultado de um trabalho para a disciplina Teoria da Comunicação, apresentada para a professora Cássia Marinho. O objetivo foi observar o comportamento dos universitários nos arredotes da cantina, durante o horário de intervalo. Foram observados, além de atitudes individuais, sons, cheiros, cores, atmosfera do ambiente, etc. A observação foi feita no horário do intervalo do turno vespertino, às 15h35.

A Cantina

Durante o intervalo, a cantina é um ponto de encontro onde estudantes de diversos cursos se reúnem para colocar os papos em dia. O movimento é grande e a agitação, tanto dos alunos quanto dos funcionários, é intensa. As paredes são coloridas. Em alguns pontos são afixados cartazes que variam de anúncios de festas a aulas particulares. Fotografias de suculentos lanches atiçam o paladar. Em cima das mesas, copos com refrescos coloridos e latas de refrigerantes.

A cantina é bem arejada. Possui grandes janelas que permitem a entrada da luz do sol, garantindo clima natural. O local é cercado por árvores que, nessa época do ano, estão floridas e proporcionam atmosfera agradável.

Cheiros

Fritura, café, salgados, salsicha na chapa, *hamburgues*, sucos de diversos sabores, pão de queijo, chiclete de *tuti-fruti*, chocolate, maionese, detergente, tudo exalava um único aroma, compondo aquele cheiro característico de cantina.

Os Sons

"psssssssssssssssssss zuuuuuuuuuuuuuc plafplafplaf hahahahahahs luuuuuuu uuuuur plinplin tanasetetalegal queporcaria decabeloéesse? Psssssssssssss zhuuuuuuuuuuuuuuu plafplafplafs luuuuuuuur ptrimtrimzin$"

Muitas pessoas conversando, liquidificadores funcionando, sandálias e tamancos no piso, chupadas no canudinho, televisão e rádio ligados, um garoto pergunta ao seu amigo: "Que porcaria de cabelo é esse?". Máquina registradora do caixa faz *tlinc*.

As Pessoas

Roupas coloridas, óculos escuros, sandálias de todos os tipos, cores e tamanhos, celulares de vários modelos, mochilas, tênis, camisetas anunciando festas, bolsas. O clima era de descontração e euforia: todas as mesas ocupadas por pessoas sorridentes, famintas e falantes, balcões lotados, filas nos caixas. Os funcionários trabalham sem pausa para atender aos alunos. Todos estavam conversando, ou comendo, ou simplesmente parados no tempo. Aristides Bonfim, uma figura que se destaca na multidão (camiseta regata, que deixa à mostra os braços tatuados), apesar de não ser universitário, era o único que estava dedicando-se à uma leitura, no meio daquela muvuca.

Um estudante que imita um cearense grita "Hei, hei, hei, hei, cabra safado, eu vou te pegá" para o atendente da cantina. Outra estudante sai correndo com um copo de coca-cola e uma esfiha na mão e grita: "Daniela, me espera, sua vaca!"

No Todo Suco, um rapaz com pinta de *playboy* tira onda contando coisas engraçadas a três patricinhas que ficam alisando o seu braço. Uma garota com óculos escuros toma atentamente seu suco de laranja com outras três garotas, que fazem o mesmo.

O tempo passa e as pessoas começam a se dispersar. Um senhor com aparência de professor aproxima-se com seu copo de suco. Faz cara de quem vai perguntar alguma coisa e com um rápido olhar, disfarça e sai tomando seu suco em direção à multidão.

Um grupo de rapazes, todos com óculos escuros, formam um tipo de fila e começam a conversar sobre algum assunto que parece importante. Entretanto, alguns saem silenciosamente em direção a diferentes blocos. Do outro lado, alguém grita: "Que porcaria de cabelo é esse?". E um rapaz de cabelo vermelho entra numa roda de seis pessoas.

Antônio Marcos Ferreira

Cantina é cenário para papos e paqueras entre sanduíches, esfirras e refrigerante no canudinho

Uma garota retira rapidamente um saco de papel das mãos de um rapaz, duas vezes maior que ela e sai rindo em direção ao bloco C. Uma estudante de cabelos encaracolados passa olhando atentamente e pisca um dos olhos para Antônio Marcos, estudante do 2º período de jornalismo, e sai pela porta da frente. Uma garota parada abaixo de uma árvore lambe vagarosamente seu sorvete e observa o movimento. No final ficam poucos alunos na cantina. Alguns funcionários começam a arrumar a cozinha e o balcão, enquanto o restante dos alunos se dispersam para suas salas.

issuu-downloader.com

2º DANÇARAXÁ

Festival competitivo trouxe bailarinos de todo o Brasil

Fotos: Gisele Silva

Gisele Silva
2º período de Jornalismo

A dança é uma arte de beleza popular de várias regiões e culturas, é a arte de se expressar corporalmente. "A dança complementa o homem em suas atividades e funções, é parte integrante das respostas às questões feitas ao homem desse século e que vem caminhando há vários séculos. É participar deste futuro e de nossa liberdade."
Roger Garaudy

A Escola de Dança Alice Arja, do Rio de Janeiro, foi uma das escolas de maior destaque e conquistou vários troféus no 2º DançAraxá, festival competitivo de dança, realizado entre os dias 15 e 18 de agosto. Esta escola que sempre participa de festivais competitivos e de mostras, durante o evento em Araxá compartilhou o destaque com outras escolas que apresentaram dedicação, qualidade e competência, entre elas: "Cursos de Dança do Minas Tênis Clube" de Belo Horizonte; a academia "Araxá Sesi Cia de Danças", que conta atualmente com cerca de 110 bailarinos, "Mergulho Esportes Center Cia de Dança Volgávia", também de Araxá, e conta com aproximadamente 100 alunos; e a "Academia Fabybalé", de Uberaba. Todas estas escolas participam sempre de mostras e competições, cada uma com suas peculiaridades e seus estilos. A Academia Fabybale por exemplo, participa pela segunda vez da competição e é dividida em dois grupos o "Fabyart" que partcipa do DançAraxá pela segunda vez e o Artdance que participa pela primeira vez em.

O evento contou também com outros destaques importantes tais como a participação exclusiva de instituições especialmente convidadas como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, a APAE, e a Fundação de Assistência ao Deficiente de Araxá, a (FADA) para a apreciação do evento no dia 16, sexta-feira.

O 2º DançAraxá 2002, contou com a coordenação da professora e empresária Elaine Borges, da Escola de Dança Elaine e Cia, que dividiu o comando com a bailarina e professora Polyana Cardoso, e com diretora do Serviço Social do Comércio, SESC/MG, Sônia Ribeiro. As coordenadoras ressaltam que o festival tem o objetivo de difundir a cultura como forma de educar e preservar os valores, propiciando o intercâmbio entre os grupos participantes e dando oportunidades para novos talentos e oferecer ao público espetáculos de qualidade.

O SESC disponibilizou hospedagem para os bailarinos também o local para as atrações competitivas. Durante a organização tarefas como montagem e decoração de palco foram divididas entre as coordenadoras e alguns bailarinos da cidade que se ofereceram em ajudar.

Segundo as organizadoras do DançAraxá, em relação a 2001, este ano o festival cresceu 100% tanto em quantidade como em qualidade

Qualidade

Participaram do 2º DançaAraxá academias de 19 cidades dos seguintes estados: Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiânia e Distrito Federal. Os grupos convidados que fizeram a apresentação da abertura são Cia de Danças Bittencourt e os Intocáveis de Uberlândia/MG, e Cia de Balé do Rio de Janeiro/RJ. As modalidades Clássico de Repertório, Balé Clássico, Neo-Clássico, Dança Moderna, Dança Contemporânea, Jazz, Street Dance, Dança do Ventre, Dança Folclórica, Dança de Salão e Flamenco; foram bem representadas durante o evento. Todas de nível avançado nas categorias: júnior, juvenil, amador e semi-profissional.

A competição contou com mais de 180 coreografias e durante os três dias de mostras aproximadamente 130 coreografias foram apresentadas na praça Governador Valadares no centro da cidade e no complexo do Barreiro, incluindo mostras da própria Escola de Dança Elaine e Cia.

Os critérios de avaliação para cada categoria e modalidade foram: o figurino, a técnica, a harmonia e a coreografia. Os grupos que se classificaram em 1º, 2º e 3º receberam troféus e todas os participantes receberam certificado de competição e participação. A competição foi avaliada por um corpo de jurados conceituado e graduado incluindo nomes como: Otávio Nassur, de Curitiba, Paraná com formação em dança na EDGE Perform arts em Los Angeles e Califórnia onde ministra os cursos de dança; Regina Dragone, de Uberaba com formação em São Paulo na academia de dança clássica Cisne Negro e na academia de jazz Steps Espaço de Dança e Cristina Helena, diretora da Sesi Minas Companhia de Dança e delegada de Minas Gerais do Conselho Brasileiro de Dança UNESCO em Belo Horizonte. A qualidade a responsabilidade e a dedicação de cada grupo foram observadas durante todo o evento e dificultaram a decisão dos jurados. Tais característica trouxeram como resultados: empates e premiações realmente merecidas.

Crescimento

Anexo ao local das apresentações, estandes vendiam aos próprios bailarinos e aos interessados produtos de marcas famosas no mundo da dança. Colans e camisetas com estampas de crianças bailarinas, porta-sapatilhas e papelaria contida por cartazes, agendas e chaveiros com desenhos divertidos relacionado a danças.

Segundo as organizadoras do DançAraxá, em relação a 2001, este ano o festival cresceu 100% tanto em quantidade como em qualidade. O ano passado o festival recebeu apenas 570 bailarinos e este ano contou com 74 grupos e aproximadamente 1110 bailarinos. Este ano, a equipe de organização e coordenação do 2º DançAraxá acompanhou de perto o desempenho de cada momento, passo a passo. Muita garra e confiança, contribuíram para o crescimento do evento. O festival competitivo revelou o alto nível técnico das equipes e proporcionou beleza e organização. Tais experiências promovem entre os participantes possibilidades de amadurecimento, concluiu as organizadoras.

Festival promove intercâmbio de estilos

A história do Festival DançAraxá, começou há doze anos na academia Elaine Academia, que na época oferecia para seus alunos várias modalidades de atividades físicas, inclusive a dança. Ao longo destes anos os grupos de dança da academia foram conquistando espaços significativos através da participação em mostras e competições realizadas no Rio de Janeiro e São Paulo. A modalidade cresceu e se tornou o destaque da acadamia. Tanto que sua proprietária Elaine Borges e a bailarina Polyana Cardoso criaram a Escola de Dança Elaine e Cia especialmente para o desenvolvimento acadêmico qualitativo de danças em Araxá.

Atualmente a escola conta com aproximadamente 100 alunos, distribuídos nas categorias: iniciante, intermediário, avançado júnior e avançado juvenil. Há pouco mais de dois anos surge então a idéia de trazer competições de dança para a cidade, com o objetivo de integrar os bailarinos mineiros e proporcionar o intercambio entre eles. A adesão de escolas de vários estados e o compromisso de todas as equipes garantem o sucesso do evento que já nasceu com ares de tradição.

issuu-downloader.com

Chico Xavier

Do outro lado da vida

Chico deixou 418 livros psicografados sobre a fé à qual consagrou a vida

Miriam Lins Caetano
6º período de Jornalismo

Noite de domingo em Uberaba. Chico Xavier inicia sua última viagem. Vivo, o médium mais famoso do Brasil anunciou seu desejo de morrer em um dia em que o País estivesse em festa. No dia 30 de junho, como se quisesse aproveitar a oportunidade, Chico Xavier quis saber o resultado da Copa e manteve-se sereno o resto do dia. Percorreu cada ambiente de sua casa, visitou todas as salas da Casa da Prece – o centro onde promovia sessões de psicografia, a escrita de mensagens ditadas por espí-ritos, e se recolheu logo após o jantar. Em menos de dez minutos, uma parada cardíaca selou sua trajetória na Terra. Chico Xavier desencarnou, aos 92 anos, para permanecer em espírito entre os compatriotas.

"No momento da escrita, surgiram descargas elétricas comuns na epilepsia, que não aconteceriam se ele estivesse fingindo"

Não foi apenas o Brasil que perdeu seu maior médium. Francisco Cândido Xavier era o líder espírita mais importante do mundo, segundo a Federação Espírita Brasileira. Os 418 livros psicografados por ele foram publicados em diversas línguas. De acordo com o Censo Demográfico do IBGE, 2,34 milhões de brasileiros se declaram espíritas, o que corresponde a 1,37% da população. No entanto, estima-se que os espíritas assumidos chegam a 15 milhões em todo o planeta, o que transforma o Brasil no país do espiritismo.

A História

Cego de um olho e com metade da audição comprometida, Chico Xavier morava em Uberaba havia 43 anos. Recebeu duas indicações ao Prêmio Nobel da Paz. Enquanto a revista Realidade afirmava que Chico era apenas uma vítima constante de ataques epilépticos, a revista Planeta destacava as alterações cerebrais ocorridas durante uma psicografia. "No momento da escrita, surgiram descargas elétricas comuns na epilepsia, que não aconteceriam se ele estivesse fingindo", lembra Elias Barbosa, médico de Chico na época. "Clinicamente, Chico nunca foi um epilético", garante.

Nos últimos anos, muitos médiuns ficaram famosos no Brasil por realizarem curas milagrosas. Cirurgias feitas apenas com as mãos ou com facas de cozinha, sem anestesia, fizeram a fama de espíritos como o do dr. Fritz, incorporado por médiuns como Zé Arigó, morto em 1971 em um acidente de carro (como havia previsto), e Rubens de Faria Júnior, que hoje responde a processos por charlatanismo e exercício ilegal da medicina no Brasil, mas faz sucesso como palestrante na Europa.

Ainda hoje, a ciência não consegue explicar a cura espiritual ou o transe. Para o psiquiatra Sérgio Felipe de Oliveira, a mediunidade é uma função biológica. "Há alterações orgânicas como aceleração cardíaca e aumento do fluxo sanguíneo na cabeça. Os pés e as mãos ficam frios e o aparelho digestivo pára de funcionar. Nada disso acontece em uma simulação", afirma. Para o médium Celso de Almeida, de Uberaba, os efeitos são mais simples de descrever. "Não sinto meu corpo e não enxergo mais nada. O espírito assume o controle do meu pensamento", diz. Mas, por enquanto, nada convence os céticos. A incorporação, a reencarnação ou a terapia de vidas passadas são coisas que não se explicam. Nem o que leva um país a criar, de tempos em tempos, pessoas iluminadas como Chico Xavier.

O Nascimento

O maior e mais prolífico médium psicógrafo do mundo em todas as épocas nasceu em Pedro Leopoldo, modesta cidade de Minas Gerais, em 2 de abril de 1910. Viveu, desde 1959, em Uberaba, no mesmo Estado. Completou o curso primário, apenas. Seus pais eram João Cândido Xavier e Maria João de Deus, desencarnados em 1960 e 1915, respectivamente. Infância difícil; foi caixeiro de armazém e modesto funcionário público, aposentado desde 1958.

Desde os 4 anos de idade o menino Chico teve a sua vida assinalada por singulares manifestações

Em 7 de maio de 1927 participou de sua primeira reunião espírita. Até 1931 recebeu muitas poesias e mensagens, várias das quais saíram a público, estampadas em jornais e revistas, como autoria de F. Xavier. Nesse mesmo ano, viu, pela primeira vez, o Espírito Emmanuel, seu inseparável mentor espiritual até o fim de sua vida.

O Menino Chico

Desde os 4 anos de idade o menino Chico teve a sua vida assinalada por singulares manifestações. Seu pai chegou, inclusive, a crer que o seu verdadeiro filho havia sido trocado por outro... Aquele seu filho era estranho!...

De formação católica, o garoto orava com extrema devoção, conforme lhe ensinara D. Maria João de Deus, a querida mãezinha, que o deixara órfão aos 5 anos. Dentro de grandes conflitos e extremas dificuldades, o menino ia crescendo, sempre puro e bom, incapaz de uma palavra obscena, de um gesto de desobediência.

As "sombras" amigas, porém, não o deixavam... Conversava com a mãe desencarnada, ouvia vozes confortadoras. Na escola, sentia a presença delas, auxiliando-o nas tarefas habituais.

O certo é que os seus primeiros anos o marcaram profundamente; ele nunca os esqueceu... A necessidade de trabalhar desde cedo para auxiliar nas despesas domésticas foi em sua vida, conforme ele mesmo o diz, uma bênção indefinível.

A doença também precocemente fizera-lhe companhia. Primeiro os pulmões, quando trabalhava na tecelagem; depois os olhos; por fim a angina.

Multidão na porta

Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier) iniciou, publicamente, seu mandato mediúnico em 8 de julho de 1927, em Pedro Leopoldo. Contando 17 anos de idade, recebeu as primeiras páginas mediúnicas.

Aos quatro anos, quando contou para o pai, José Cândido, que um espírito andava lhe perturbando, a família pensou que o garoto estava com o "demônio no corpo". O padre Sebastião, da cidade de Pedro Leopoldo, interior de Minas Gerais (onde Chico nasceu em 1910), mandou a criança rezar mil ave-marias e caminhar, nas procissões, com uma pedra de 15 quilos na cabeça. Mas nem as penitências nem as três surras que a madrinha lhe dava diariamente, com hora marcada, para ver se o menino se livrava das "influências do mal", fizeram com que as almas do outro mundo o deixassem em paz. Quase 90 anos depois, ele continuava recebendo mensagens dos

issuu-downloader.com

espíritos.

No começo não foi fácil enfrentar o preconceito das carolas de Pedro Leopoldo, que achavam que o menino via assombrações porque tinha um pacto com o diabo. Mas logo que decidiu abandonar a doutrina católica, imposta pela família e aprendeu os ensinamentos de Allan Kardec, o papa do espiritismo, Chico, passou a não dar mais ouvidos à maldade alheia. Ele saberia mais tarde que seria o consolo para muitos corações desolados.

Um deslocamento do cristalino e o estrabismo de nascença, que obrigam-no a usar óculos fundos de garrafa, fizeram com que ele procurasse a ajuda dos espíritos. Ouviu de Emmanuel uma lição que jamais esqueceu: "Nunca nos procure para resolver seus problemas particulares e cuide de seu corpo." Tarefa difícil para quem passou grande parte da vida dormindo apenas três horas por noite para conseguir atender o maior número de pessoas e ainda ter tempo para psicografar os mais de 200 livros que publicou.

Com a saúde debilitada depois de várias crises de angina e dois infartos, enxergando muito mal e ainda tomando medicamentos diariamente, Chico já não atendia mais tanta gente como há alguns anos. Mas manteve um centro espírita kardecista em Uberaba, Minas Gerais, e passou os sábados recebendo multidões de pes-soas que vinham de longe só para aper-tar sua mão.

Quando psicografou seu primeiro livro, Parnaso do Além-Túmulo, que reuniu 259 poesias ditadas por 56 poetas mortos, entre eles Arthur Azevedo, Olavo Bilac, Castro Alves, Augusto dos Anjos e Alphonsus Guimarães, Chico Xavier ganhou notoriedade nacional. Alguns intelectuais se esforçaram em compreender como o estilo de cada escritor tinha sido respeitado pelo médium, ou seja, a maioria descartou a possibilidade de fraude ou charlatanismo. E a viúva do poeta Humberto de Campos não pensou duas vezes antes de exigir seu quinhão na cobrança dos direitos autorais sobre as poesias que o marido fez através das mãos de Chico Xavier. O caso foi parar no tribunal e o juiz pôs um ponto final na história polêmica com o seguinte veredicto: "O homem está morto e os mortos não têm direitos." Mas a melhor opinião sobre o episódio foi de O Estado de S.Paulo. Em editorial, o jornal afirmou que se as poesias não eram de fato da autoria de Humberto de Campos, Chico Xavier merecia, no mínimo, uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Viúva do poeta Humberto de Campos não pensou duas vezes antes de exigir seu quinhão na cobrança dos direitos autorais sobre as poesias que o marido fez através das mãos de Chico Xavier

Desde então, Humberto de Campos, provavelmente magoado com as intrigas que causou, nunca mais encarnou no médium mineiro. Quem não gostou nada da confusão foi Emmanuel, guia espiritual de Chico que o acompanhou mais de 60 anos. Emmanuel é um espírito que já esteve por aqui encarnado como o senador romano Publius Lentulus, morto em Pompéia, e depois como o escravo Nestório, também romano. Sua última encarnação teria sido o padre Manoel da Nóbrega, segundo Chico. Hoje, "do lado de lá", o guia rege a vida do médium, que não costuma dar um passo an-tes de consultá-lo. Desde conselhos como "só use seus ensinamen-tos para o bem" até "para curar a vista você precisa da medi-cina dos ho-mens" são leis para Chico.

foto: reprodução
Arte: Revelarte

issuu-downloader.com

Cidade

Uma viagem no tempo

Museu de História Natural mostra uma aventura que começa na pré-história e só termina onde a imaginação chegar

Júlio César Prado
3º período de Jornalismo

A história da humanidade é formada a partir de aspectos sociais, econômicos, culturais e todo conjunto de relações fixadas em cada um deles. Visitando um museu, encontramos nada mais que isso: uma viagem em um mundo que, além de retratar tudo que fomos, exerce uma atividade responsável pelo que somos e fazemos em nossas vidas. O Museu de História Natural Wilson Estevanovic surgiu de uma idéia da família há mais de noventa anos. Na época, Wilson, idealizador do museu que leva seu nome, colecionava as primeiras peças do acervo que compõem a mostra permanente de hoje. As dificuldades eram muitas. Por falta de um lugar fixo para expor os objetos, Wilson ia de cidade em cidade apresentando o acervo aos curiosos nos lugares onde ele instalava a mostra itinerante. Os anos passaram e hoje, os problemas ainda são grandes, mas graças à luta da família, o museu conta com uma sede própria.

O Museu de História Natural Wilson Estevanovic surgiu de uma idéia da família há mais de noventa anos

Com o passar do tempo as peças também foram se diversificando e multiplicando. São mais de dezoito mil exemplares divididos em salas de biodiversidade, arqueologia, antropologia, minerais, astronomia e história egípcia.

O setor de biodiversidade por exemplo oferece mais de duzenta espécies de animais entre cobras, leões, jacarés, pássaros, macacos, peixes e pinguins. Um aspecto do museu que merece destaque é a técnica empregada por Wilson Estevanovic, neto do Patrono do museu que leva seu nome, na conservação dos animais. *"Os bichos estão conservados com todos os órgãos internos"* comenta o pesquizador. Trata-se da Perpétua Anatomia, técnica inventada e patenteada por Wilson há cinco anos, que se difere do empalhamento convencional por conservar os animais sem retirar nenhum órgão interno do bicho. Segundo Estevanovic, o método é baseado na combinação de elementos químicos que resultam em uma fórmula menos tóxica. A taxidermia, técnica usada no empalhamento convencional, é baseada em arsênico, elemento extremamente tóxico para as pessoas. *"Com essa técnica, os visitantes podem se dar o luxo de tocar os animais sem o risco de intoxicação"*, explica. Wilson conta ainda que esse não é o maior trunfo da pesquisa.

Coleção de pedras preciosas, semipreciosas e meteoros mostra riqueza mineral do planeta

fotos: Júlio César Prado

Acervo do museu inclui reproduções de peças do antigo Egito. Corpos dos Faraós eram depositados em sarcógafos como esse

A técnica possibilita a conservação dos animais, que não perdem traços e fisionomia característicos. O método possibilita estudos de espécies em extinção que podem ser guardados com todos seus órgãos intactos. *"Esse é realmente um grande passo para as pesquisas, pois podemos estudar espécies e tecidos no próprio organismo dos animais"* comenta. Mas a viagem no museu continua.

A história da humanidade não é escrita apenas em livros. A todo tempo os homens se adaptam a realidades e moldam o ambiente em que vivem

A história da humanidade não é escrita apenas em livros. A todo tempo os homens se adaptam a realidades e moldam o ambiente em que vivem. Na sala de valores humanos podemos descobrir um pouco disso. São armas primitivas, utensílios usados pelos primeiros habitantes do planeta, fósseis. O acervo oferece uma mostra da evolução do homem e da cultura primitiva. A viagem, que começa na pré história, atravessa os tempos e chega às primeiras civilizações. Os Egípcios, muito conhecidos pela arquitetura e as grandes contruções, mostram um pouco de sua arte na sala de cultura egípcia. Reproduções de sarcófagos, máscaras, objetos usados por Faraós e um pouco da história dos primeiros grandes construtores da humanidade.

"É um pequeno passo para um homem, mas um salto gigantesco para a humanidade." Quem não se lembra ou nuca leu ou ouviu falar da frase de Neil

issuu-downloader.com

Armstrong ao dar o primeiro passo na lua quando desceu da Apollo 11 às dezesseis horas e dezessete minutos naquele vinte de Abril de 1969? Armstrong tinha razão. Naquele momento o homem firmava mais que uma visita no satélite natural da terra, mas iniciava uma aventura que não tinha limites, um mergulho rumo ao desconhecido.

Ao longo do tempo, o contato com o espaço foi se popularizando, outras viagens foram feitas, o homem desafiou a imaginação e as lentes dos telescópios nos garantiram aventuras por lugares nunca sonhados. Era o início de uma nova era. O desejo de se aventurar no espaço despertou a atenção da família Estevanovic. Ver as estrelas nunca foi tão fácil e tão popular. Na busca da popularização da astronomia, o grupo passou a investir também no campo da astronomia e iniciaram os projetos para construção de um observatório nas dependências do museu (o primeiro do estado de Minas Gerais). O museu já adquiriu cerca de dezoito telescópios e todo maquinário para instalação do observatório, mas por falta de apoio, as dificuldades são grandes.

O museu já adquiriu cerca de dezoito telescópios e todo maquinário para instalação do observatório, mas por falta de apoio, as dificuldades são grandes

Luneta permite enxergar detalhes da lua e planetas "mais próximos"

A obra não tem fins lucrativos e, para se manter, conta com um incentivo do município através da Fundação Cultural de Uberaba e da ajuda de voluntários e associados. De acordo com Welington Estevanovic os custos são muito altos e a ajuda não cobre nem as despesas fixas do museu. A construção do observatório já iniciou, mas enquanto os trabalhos não são concluídos, o grupo leva os equipamentos às ruas e escolas para mostrar a riqueza do espaço à comunidade. Crianças, jovens e adultos que talvez nunca teriam acesso a equipamentos como esses partem para uma aventura no espaço sem sair do chão. As reações são tão diversas como inesperadas. Sentir a emoção de ver a Lua de perto atrai gente de todos os lugares. Sempre que são expostos, os telescópios espalhados na rua reunem grupos de pessoas – o fato tem chamado a atenção de toda a cidade. Gente que aproveita os pequenos momentos de contato com o espaço e se encanta com suas maravilhas.

Em outras palavras, o Museu de História Natural se reune nisso: passado, presente, futuro, um encontro de épocas. Momentos que se foram, momentos que se vão, momentos que escrevemos e ainda vamos escrever. Visitar o museu não é só ver de perto algo do passado, mas uma oportunidade única de conhecermos o que fomos, o que somos e iniciar uma viagem em busca do que seremos.

Animais empalhados conservam a fisionomia de quando eram vivos

issuu-downloader.com

Artigo

Otávio e Jô - firulas

Fernando Machado
5º período de Jornalismo

Revelarte (fotos: reprodução)

Dizem que o cronista, quando não tem idéia do que escrever, ou quando é amargurado demais, preenche as linhas metendo o pau em alguém. Pode ser…Mas não é simplesmente por não gostar do tipo de programa que faz Otávio Mesquita, "A noite é uma criança", e o que faz Jô Soares, "Programa do Jô" , que pretendo passar longe de elogiá-los. É que algumas coisas que fazem são interessantes mesmo. E os dois acabam conseguindo a atenção que aspiram, mas de uma maneira estranha. O primeiro, por exemplo, é pago para falar besteira, só besteira, e em qualquer situação; o segundo para se vangloriar, sempre, no passado, no presente e no futuro.

Para descontrair, ninguém melhor do que Mesquita. Quando tenta ser decente, fica mais engraçado ainda

A Bandeirantes transmitiu ao vivo o debate dos presidenciáveis. No dia seguinte, foram mostrados, no programa de Mesquita, os bastidores do debate, a preparação e o que acontecia nos intervalos. Todos os candidatos nervosíssimos, os marqueteiros falando em seus ouvidos como se dessem água e transmitissem ânimo para um pugilista em uma luta. Para descontrair, ninguém melhor do que Mesquita. Quando tenta ser decente, fica mais engraçado ainda. O apresentador, que adora contar como foram suas primeiras transas com as namoradas, conseguiu firmar seu estilo ao entrevistar os candidatos. Conseguiu manter também a fama de ser o mais "indiscreto" dentre todos os que fazem da indiscrição uma carreira, como os que pululam na *imprensa cor-de-rosa* (neologismo para a imprensa que vive de fazer fofoca de famosos), em uma tola batalha pseudo jornalística que atrai tantas pessoas. Serra mal havia descido do carro quando Mesquita o surpreendeu: "Qual foi o conselho que o presidente te deu?". O tucano, que recebia um apoio meio capenga de FHC, pensou rápido: "Conselho nenhum. Só me desejou boa sorte".

Público bem informado, na visão de Mesquita, sabe que ele namorou fulana, passou férias na Itália com beltrana, comeu ciclana e etecetera. Esse mesmo público merece e exige saber como é a vida particular dos candidatos também, oras. Sobrou, logicamente, para Ciro Gomes, namorado de uma estrela da televisão, a gatíssima Patrícia Pillar. "Ciro, fala pra gente, o que é que você sentiu quando ficou sabendo que tinha ultrapassado o Serra nas pesquisas? Como você e a Patrícia comemoraram?". Ciro rebateu sem deixar quicar, até porque já havia notado que quando é truculento agrada mais. Um analista disse que ele tem a ignorância que o povo julga necessária em um presidente. "Olha, não comemoramos, até porque não dou confiança às pesquisas de opinião pública. São todas manipuladas". Isto frustou as expectativas do apresentador, que decerto esperava ouvir do candidato que, para comemorar, bebera o champanhe derramado no corpo da atriz e que depois tiveram uma transa "federal".

A diferença de Mesquita e Jô Soares é que este se pretende mais sério. Está na Globo, é elogiado por Roberto Marinho e ACM, tem compromissos com o padrão-globo-de-jornalismo, essa lenda que criaram. Na tv do doutor Roberto tem "Fantástico", um show de shows, pois bem, e tem também o "Programa do Jô", um show de Jôs. Ali tudo gira em torno de sua pança, a qual ele crê extremamente sexy. Basta ver a sua cara quando inicia o programa. Ele dança, faz beicinho, abre o paletó para mostrar o quanto é sexy. O pior é que tem gente que acredita. Dos apresentadores de *talk-shows* brasileiros, o que mais conversa é ele, não raramente mais do que o próprio entrevistado. Durante o programa ele os interrompe para fazer suas notórias observações pseudo-intelectuais, aproveitando para encaixar suas velhas e preconceituosas piadinhas. Mas o que Jô mais gosta é tirar um bom sarro de seus subalternos, ou qualquer outro que ele julgue inferior intelectualmente (toda a humanidade, praticamente). Já foi Bira, negro e nordestino integrante do sexteto do Jô (rotineiramente questionado se seus avós eram suíços ou dinamarqueses), o mais malhado. Derico, outro do sexteto, já foi o mais visitado, mas hoje parece que o público enjoou dele. Não é uma coincidência e tanto que no programa de David Letterman (além de todas as semelhanças com o Programa do Jô) exista um careca na banda que faz o mesmo tipo de piada? Será que o Jô pensa que só ele pode ter tv a cabo? A bola da vez agora é o garçon Alex, um chileno muito humilde que, apesar de poucos saberem, ganha uma mixaria e tem que pegar não sei quantos ônibus todos os dias para ir trabalhar. Isto o público não fica sabendo. Pior do que tudo isso, para Alex, deve ser se ver obrigado a fazer uma cara simpática quando questionado se já teve um caso com Pinochet. Um dos gregos antigos, não sei qual, disse que o caráter vale mais do que o argumento. No Brasil, a classe média compra "informação" no Jornal Nacional, "crítica" em Veja, e em Jô Soares compra "ironia". Como se qualquer asneira que ele diga ou piada sem graça que conte tivesse uma profunda ironia por trás. Para o público rir, basta que mexa corretamente as sobrancelhas, e aí fica tudo bem. Nisso ele é mestre: com uma expressão facial reconquista rapidamente a platéia ávida por ser conquistada. A cultura "josoaresca" está no teatro para presenciar os atores da televisão pronunciando algum palavrão, já que não o fazem nas novelas. O ator diz o palavrão, o público ri e não passa disso, firula. No final do programa, para quem não se cansa, tem mais Jô, para variar, fazendo o que mais gosta: mostrando a si mesmo em cenas de vinte, trinta anos atrás que, mesmo naquela época, não tinham a menor graça.

No Brasil, a classe média compra "informação" no Jornal Nacional, "crítica" em Veja, e em Jô Soares compra "ironia"

Jô Soares se pretende muito sério, muito sabedor das coisas. A grande vantagem que leva Otávio Mesquita é a de saber que o que faz é besteira, enquanto o outro pensa que não.

issuu-downloader.com

CRÔNICA

O Respeitável Chefe de Setor

André Azevedo
2º período de Jornalismo

Deus ajuda a quem cedo madruga. O Respeitável Chefe de Setor acorda cedo, faz sua higiene, senta-se à mesa para tomar café e, finalmente, olha para a esposa. Pede, com um franzir de testa, que seja respeitado e admirado; afinal, trabalhara honestamente a vida toda e aposentara-se com dignidade. Lembra, com um gesto de mão, que graças ao seu esforço e dedicação, fruto de trabalho árduo e incessante, cumpre todas as obrigações de pai e esposo. Nunca falta às atribuições de chefe de família. Olha com ar grave para seus filhos e exige, através de um esgar, reverência e consideração.

O trabalho dignifica o homem. O Respeitável Chefe de Setor sempre encarou o trabalho como a forma sublime de realização humana. Acredita em religião: faz o sinal da cruz em porta de igreja, comparece às missas de 7º dia – com certo fastio, é verdade – mas sempre respeitosamente. Contudo, não se engana: a transcendência, ou o mais próximo que se sente capaz de chegar da plenitude existencial, é o trabalho.

Ei-lo agora, de expressão grave, sensação de dever a cumprir – confere o ponto morto, engata a primeira, upa, upa – dirigindo-se ao trabalho, sob olhares aliviados da família

Mente ociosa, oficina do diabo. Por isso, alguns meses depois de aposentar-se e proporcionar momentos de convivência constante aos entes queridos, o Respeitável Chefe de Setor arrumou outro emprego. Ei-lo agora, de expressão grave, sensação de dever a cumprir – confere o ponto morto, engata a primeira, upa, upa – dirigindo-se ao trabalho, sob olhares aliviados da família.

Um homem prevenido vale por dois. O Respeitável Chefe de Setor é metódico, responsável, organizado, exigente, infalível, um administrador nato, um gerente, *o* dirigente, *o* gestor, *o* comandante. Orgulha-se de sua conduta de forma quase voluptuosa: quando está no exercício do cargo, sente uma espécie de uma ereção moral, seguida de um gozo contido, asséptico, secreto. Longe de ser sacrifício, o trabalho é a razão de sua existência. Entre as funções que exerce, as que lhe concedem maior prazer são os frequentes discursos sobre os procedimentos morais que devem ser aplicados para que o serviço funcione de forma excelente. E o melhor momento para isso, evidentemente, é quando o subordinado acaba de cometer um pequeno erro. E se o subordinado é daqueles que, por precisarem muito do emprego, são totalmente submissos, melhor ainda!

Aqui se faz, aqui se paga. O Respeitável Chefe de Setor tem uma forma padrão de repreender: começa detalhando todos os problemas que tem de administrar para que o modelo de organização funcione; ressalta que a estrutura que está à sua disposição é precária, exigindo dele

Revelarte (foto: reprodução)

labuta diária para manter o serviço em ordem; lembra que, quando um erro acontece, tem que desestruturar toda a agenda para que a irresponsabilidade seja remediada; conta que sempre trabalhou com pessoas competentes e que não sabe trabalhar com bagunça; confessa que está esgotado e que não é possível que isso aconteça; reafirma que é um sujeito muito justo, *mas* será obrigado a tomar as providências necessárias – demonstrando que, no seu entender, há incompatibilidade entre *ser justo* e *tomar providências*. Não satisfeito com essa interminável ladainha – que por si só já é uma tortura, ou, no mínimo, uma forma de punição mental – ameaça, esbraveja, grita, faz cenas etc; porém, sempre toma o cuidado de manter o nível da chantagem no limite aquém da ofensa pessoal – a despeito de tratar com seres humanos, a questão é sempre estritamente profissional. Evidentemente, o discurso muda quando o trato se dá com superiores. Meu amigo, satisfação em revê-lo!, erros acontecem, estamos sempre sujeitos a falhas, estamos aqui para trabalhar etc.

É fácil concluir que o Respeitável Chefe de Setor cumpre todas as obrigações, mais para justificar seu direito de espinafrar os subalternos do que pela boa execução do serviço em si

Olho por olho, dente por dente. É fácil concluir que o Respeitável Chefe de Setor cumpre todas as obrigações, mais para justificar seu direito de espinafrar os subalternos do que pela boa execução do serviço em si. Todas as pequenas falhas, insignificantes que sejam, merecem o longo discurso de reprovação, proferido com ânimo que, apesar de seu aparente mal-humor, não esconde seu íntimo prazer. Priapismo moral.

Os últimos serão os primeiros. Seus subalternos o odeiam – não há como ser diferente. Mas o Respeitável Chefe de Setor é imperturbável. Atribui o ódio alheio ao rigor responsável de seus métodos. Agrada-lhe profundamente sentir-se como uma espécie de mártir da burocracia. Lembra-se que todo cargo de chefia é, na verdade, um fardo pesado. Não é para qualquer um. Quando ouve dizer que consideram-no "insuportável", enche-se de júbilo, pois interpreta como elogio supremo. Funcionário em geral não gosta de serviço e

issuu-downloader.com

A calçada da fama te espera.